

A ÁRVORE: UM ARQUÉTIPO DA VERTICALIDADE (CONTRIBUTO PARA UM ESTUDO SIMBÓLICO DA VEGETAÇÃO)

*Tu trouveras plus dans les forêts que dans les livres.
Les arbres et les rochers t'enseigneront les choses qu'au-
cun maître ne te dira.*

Saint Bernard de Clairvaux

Desde tempos imemoriais que o destino dos homens esteve sempre associado ao das árvores e isto de uma forma tão indelével e evidente que nos podemos interrogar cada vez mais sobre o futuro de uma humanidade que rompeu com tal vínculo. No âmbito de uma trágica perversão das relações do homem com a Natureza, desde há muito que o domínio da natureza se transformou em extermínio dessa mesma natureza: ninguém pode hoje ignorar as consequências crescentes da desflorestação mundial e muito menos a sua causa irrisória, o consumo do papel que, logo impresso, é destruído. Não se realiza, de modo algum, a humanização da natureza ou seja, a sua nobilitação através de um disciplinamento e aproveitamento, conservador e fomentador, das forças naturais; antes a consumimos, não como zelosos administradores mas como perdulários. No entanto, e se o mundo actual quiser ainda sobreviver, é preciso, e antes que seja tarde demais, restabelecer um equilíbrio e uma harmonia várias vezes milenários.

Num momento em que se torna crescente a inquietação relativa às consequências que a destruição das florestas no mundo (veja-se, por ex., a Amazónia e a Austrália) pode e está a provocar, esta reflexão tem por objectivo lembrar um arquétipo, um dos símbolos universais mais pre-

sentes em todas as mitologias, em todas as tradições e religiões, em todas as civilizações proto-históricas (desde o Antigo Egípto à China arcaica) e que necessariamente sobrevive no imaginário colectivo da Humanidade, manifestando-se ainda hoje, com toda a sua força de estrutura dinâmica das profundidades anímicas, nas *lendas*, nos *contos*, nos *mitos* e, obviamente, no universo onírico. Ao papel que outrora as árvores protectoras desempenharam na vida dos primeiros homens, dando resposta a quase todas as suas necessidades básicas, – por isso eram consideradas manifestações tangíveis da presença dos deuses na terra – acresce o facto de que a cada uma das espécies e, por vezes, a cada árvore era atribuída uma essência particular, de tal forma que o homem intuía que o Universo, onde a natureza visível e o divino (natureza invisível) se interpenetravam e se explicavam um pelo outro, desvendava, de um modo concreto e perceptível, a sua multiplicidade e unidade através das diferentes variedades vegetais¹.

Tentaremos pois, de forma simples e condensada, repensar até que ponto, de século para século, as tradições mais diversas e heterogéneas transmitiram, através do mesmo arquétipo, de um mesmo dinamismo estruturante do *inconsciente colectivo*² – a *Árvore* – toda a essência de um sis-

¹ No seu livro *Images et Symboles. Essais sur le symbolisme magico-religieux* Paris, Ed. Gallimard, 1984, Mircea Eliade afirma: *L'homme des sociétés archaïques a pris conscience de soi-même dans un «monde ouvert» et riche en signification: il reste à savoir si ces «ouvertures» sont autant de moyens d'évasion ou si, au contraire, elles constituent l'unique possibilité d'accéder à la véritable réalité du monde.* (p. 234-235).

² Cf. as obras de Carl Gustav Jung, muito particularmente *L'Homme et ses symboles* (Paris, Ed. Robert Laffont, 1964) e *Métamorphoses de l'âme et ses symboles* (Genève, Lib. Université Georg et Cie S.A., 1953). Ao longo desta reflexão, situar-nos-emos sempre numa perspectiva junguiana que atribuiu aos *arquétipos* a função de dinamismos estruturantes do psiquismo humano, espécie de virtualidades criadoras que se actualizam em imagens primordiais que melhor sintetizam o Espírito (o inconsciente colectivo) e que gerem as produções religiosas, éticas, criadoras e estéticas da Humanidade. No âmbito da sua *psicologia das profundidades*, Jung considera cada imagem arquétípica como um símbolo de valências universais metafísicas (e isto apesar das suas valorizações concretas) que se encontra na base das religiões, dos mitos e dos contos de fadas.

Surgem nos sonhos e fantasias e fundam a totalidade das atitudes humanas face à existência. Tais premissas junguianas revelam-se fundamentais para que Gaston Bachelard, Mircea Eliade, Gilbert Durand, entre outros, trabalhem e reflectam sobre o universo simbólico.

tema cosmológico unificador, sistema esse que encontra no mundo vegetal os símbolos e os rituais de uma renovação não só da natureza mas também da própria humanidade.

Evocaremos alguns *mitos*, alguns *contos tradicionais*, algumas *lendas* que ainda hoje preenchem o psiquismo profundo do homem, que conjugam em si os conhecimentos ancestrais (porque modelos de comportamento paradigmáticos em geral atribuídos a deuses, heróis e divindades fundadoras) das civilizações aos quais mais se ligam e que têm como denominador comum contribuir para que sejam restituídas as chaves da compreensão profunda de uma ordem universal que, ao estabelecer a união entre o homem e a natureza, o profano e o sagrado, o cotidiano e o divino, pode e deve levar-nos a equacionar a importância fundamental de uma interpretação simbólica do Cosmos.

Talvez por isso, em 1988, Cl. Lévi-Strauss e Didier Eribon afirmavam em tom desencantado: (...) *en isolant l'homme de la création, l'humanisme occidental l'a privé d'un glacis protecteur. A partir du moment où l'homme ne connaît plus de limite à son pouvoir, il en vient à se détruire lui-même*³.

É pois nas raízes mais arcaicas da mitologia que podemos descortinar até que ponto as *Árvores* eram sentidas enquanto agentes privilegiados da comunicação entre três mundos, os subterrâneos, a superfície e os céus. Constituíam assim, por excelência, manifestações tangíveis da presença divina; por isso, ao debruçarmo-nos sobre as religiões tradicionais, vamos encontrar em quase todas a alusão aos cultos consagrados às árvores tidas como sagradas e, singularmente, à mais venerada de todas, a *Árvore Cósmica*⁴.

³ in *De près et de loin*, Paris, Ed. Odile Jacob, 1988, p. 225-263.

⁴ Um mito heróico dos Jakuti da Sibéria fala de um herói, um Jovem Branco, que procura descobrir a *Honorável e Excelsa Senhora, Mãe da minha Morada: A leste (...) estendia-se um amplo e deserto campo, no meio do qual se elevava uma impressionante colina, havendo no seu cume uma árvore gigantesca. A resina dessa árvore era transparente e de doce odor, a sua casca nunca secava ou se quebrava, a seiva era reluzente como prata, as exuberantes folhas jamais perdiam o viço (...)* A copa da árvore elevava-se até aos sete pisos do céu e servia de posto de parada ao Deus Altíssimo, *Iryn-ai-tojon*, enquanto as suas raízes alcançavam os abismos subterrâneos onde formavam os pilares das moradas das criaturas míticas; a árvore, por intermédio da sua folhagem, mantinha conversações com os seres celestes. In CAMPBELL, Joseph – *O herói de mil faces*, São Paulo, Ed. Cultrix Fac/ Pensamentos, 1997, p. 322-323.

Em tempos que já lá vão, muito antes de o Homem surgir na Terra, havia uma árvore gigante cujos ramos se elevavam até aos céus. Eixo e coluna vertebral do Universo, tal árvore atravessava três mundos: enquanto as raízes mergulhavam nos abismos subterrâneos e o tronco contemplava a imensidão terrestre, os ramos erguiam-se até atingirem as estrelas no firmamento. A seiva, ia buscá-la às águas que brotavam do solo; os raios do sol alimentavam as suas folhas e, mais tarde, as flores e os frutos. Era através dela que o fogo descia do céu; e tocando nas núvens, a sua copa abundante gerava as chuvas que fertilizavam a Terra e a tornavam fonte de Vida. Na sua verticalidade, a árvore gigante assegurava assim a união e a cumplicidade entre o universo ouraniano e as profundezas ctonianas: nela se realizava pois a permanente regeneração do Cosmos.

Fonte de Vida, tal árvore alimentava e dava abrigo a milhares de seres: as aves vinham pousar e fazer ninhos nos seus ramos, nas suas raízes deambulavam as serpentes e os próprios deuses nela constituíram a sua morada. E o Homem surgiu. Aos reinos vegetal, mineral e animal acrescentou-se o ser humano. Não admira pois, perante tal descrição, que a *Árvore Cósmica* concentre, desde os primórdios da humanidade, um dos mitos mais fecundos, mais deslumbrantes, mais poderosos e mais universais, antevisto e pressentido por esse mesmo homem com o objectivo de explicar não só a formação e a constituição do Cosmos mas também o lugar que nele passou a ocupar.

A *Árvore Cósmica* torna-se assim não apenas um arquétipo, um modelo paradigmático para o ser, mas a prefiguração venerada da sua própria origem – o seu antepassado mais longínquo, a perder-se nos tempos míticos e primevos.

Desde os primórdios que, em todas as mitologias, em todas as tradições, nas religiões, a *Árvore Cósmica* era vista como constituindo o pilar central, o eixo em torno do qual o universo se organizava: nela coexistiam o físico e o metafísico, o natural e o sobrenatural, o humano e o divino. Na análise que faz das árvores sagradas, dos símbolos, dos mitos e dos ritos ligados ao reino vegetal, Mircea Eliade no seu *Tratado de História das Religiões* começa por evocar um excerto grandioso e sugestivo de um texto tradicional da mitologia germânica, tal qual foi transcrito pelos poetas escandinavos na Idade Média (um excerto dos *Eddas*), em que uma profetiza, acordada por Odhin, revela aos deuses os começos e o fim do mundo:

A ÁRVORE: UM ARQUÉTIPO DA VERTICALIDADE

*Lembro-me dos gigantes nascidos na aurora dos Tempos,
Daqueles que outrora me geraram.
Conheço nove mundos, nove domínios cobertos pela árvore do mundo,
Essa árvore sabiamente plantada cujas raízes afundam no âmago da Terra...
Sei que existe um freixo que se chama Yggdrasil
A copa da árvore está envolta em brancos vapores de água,
Donde se desprendem gotas de orvalho que caem no vale
Ele ergue-se eternamente verde por cima da fonte de Urd⁵.*

Os traços essenciais da *Árvore Cósmica*, expressos aqui de forma poética por este ideograma vegetativo da mitologia escandinava, vão repetir-se ao longo dos séculos num sistema complexo universal de crenças que, por motivos temporais e espaciais, não o poderiam ter herdado umas das outras. Estamos pois perante um arquétipo, a universalidade de um símbolo que, na perspectiva ontológica, se erige em manifestação paradigmática da divindade e do Cosmos. E se, nos *Eddas*, tal árvore se identifica com um carvalho, no Egipto dos Faraós, por exemplo, ela é o sicômoro sagrado em cujos ramos vinham pousar, em figuras de pássaros, as almas dos defuntos. Os espíritos dos mortos retornavam assim, através da sacralidade da árvore, ao seio do mundo das essências eternas; na Mesopotâmia, por exemplo, *Kiskanu* é o símbolo da vida em perpétua regeneração. Situada em Eridu, a cidade santa do deus Ea, tal árvore surgia rodeada e encimada por aves, caprídeos e serpentes, cercada por astros e seres alados que, de forma simbólica, exemplificavam o seu papel cósmico e cosmológico.

Também desde as narrativas mais antigas que a tradição indiana representa o Universo sob a forma de uma árvore gigante. Nos *Upanishades*, estudos espirituais registados em sânscrito entre 800 e 400 a. C., o cosmos é apresentado como uma *árvore invertida* (cujo simbolismo desenvolveremos mais adiante) que mergulha as raízes no céu e estende os ramos sobre a terra. Mas é no *Bhagavad-Gîtâ* (*A Mensagem do Mestre*), um dos clássicos da literatura filosófica e espiritual do mundo, onde se encerra a essência do conhecimento védico da Índia, que vamos encontrar, de forma bem explícita, a identificação simbólica da *Árvore Cósmica* não apenas com o universo mas também com a própria condição do homem na terra.

⁵ ELIADE, Mircea – *Tratado de História das religiões*, Porto, Ed. Asa-Literatura, 1992, p. 335. Trata-se do excerto inaugural do Cap. VIII todo ele dedicado *À Vegetação e aos Símbolos e Ritos da Renovação* (p. 335-411).

Krishna, o mestre, dirá: *É imperecível, e suas folhas correspondem aos hinos védicos. Quem a conhece é conhecedor dos Vedas. Seus galhos alçam-se para o céu e vergam-se até à Terra; sua seiva nutriz representa as gunas (qualidades) e seus rebentos equivalem aos objectos sensórios. Suas radículas pendentes até ao solo significam as acções engendradas no mundo dos homens, que as reatam com laços cada vez mais apertados*⁶. Por isso importa cortar a árvore pela raiz ou seja, levar o homem a transcender-se, renunciando aos objectos dos sentidos e aos frutos das suas acções. A libertação autêntica do homem parece encontrar aqui a sua metáfora mais elevada nessa imagem e nesse motivo universal do desprendimento da vida cósmica e no recolhimento e isolamento humanos e naturais.

Protótipo da evolução vital – da matéria ao espírito, da razão à alma purificadora –, a *Árvore Cósmica* é antevista ainda hoje, no seio da simbólica contemporânea, como o paradigma não só do crescimento físico, cíclico e contínuo da Mãe Natureza, mas ainda como a prefiguração do próprio amadurecimento psicológico do indivíduo, o que implica, sem excepção, os motivos ancestrais do sacrifício e da morte mas também os do renascimento e da imortalidade.

Símbolo da ascensão, a *árvore* traduz inevitavelmente esse anseio que a Humanidade carrega desde sempre de alcançar – renunciando a fraquezas, a incapacidades e a defeitos – a realização espiritual. Em inúmeras tradições, neófitos e sacerdotes praticam, de forma ritual, a subida a uma árvore sagrada⁷. Ela tornou-se pois, desde tempos longínquos, ao testemunhar um diálogo íntimo entre o céu e a terra, o símbolo vivo de uma lei universal que exige que o homem mantenha e cultive o equilíbrio entre as forças ctonianas e os poderes ouranianos, entre o lado instintivo e o lado espiritual.

Em *Le Sacré et le Profane*, Mircea Eliade afirma: (...) *il n'est que de déchiffrer ce que le Cosmos «dit» par ses multiples modes d'être, pour*

⁶ In *Bhagavad-Gîtâ. A Mensagem do Mestre*, São Paulo, Ed. Pensamento, 1993, p. 145.

⁷ A identificação da *Árvore Cósmica* com a *échelle mystique* remete-nos, obviamente para inúmeras tradições em que ritos de passagem eram protagonizados por feiticeiros, xamãs ou candidatos a futuros heróis que queriam significar, com a subida árdua do vegetal, o caminho iniciático que desvenda os mistérios do Universo. Do ponto de vista junguiano, tal subida simboliza o processo de individualização que conduz o ser ao nó mais íntimo da sua Consciência.

*comprendre le mystère de la Vie. Or, une chose est évidente: que le Cosmos est un organisme vivant qui se renouvelle périodiquement. Le mystère de l'inépuisable apparition de la Vie est solidaire du renouvellement rythmique du Cosmos. Pour cette raison le Cosmos a été imaginé sous la forme d'un arbre géant: le mode d'être du Cosmos et, en premier lieu, sa capacité de se régénérer sans fin, est exprimé symboliquement par la vie de l'arbre*⁸.

Daí que ao simbolismo universal da *Árvore Cósmica* se junte o da *Árvore da Vida* que se torna, por sua vez, paralelamente à árvore que é o eixo do mundo, *Axis Mundi*, um arquétipo do Universo que recebe o seu alimento do Transcendente. Também ela fundamental (tradições ancestrais as sobrepõem e confundem), a sua seiva é o orvalho celeste, os seus frutos concedem a imortalidade e toda ela reconduz ao *Centro*, ao estado edênico e primordial. Não espanta pois que a ela se atribuam os poderes femininos da maternidade, da gestação, da fecundidade e da riqueza energética vital, que mitos e rituais vegetativos exprimem (o culto dos simplices, as festas de Maio, por ex.).

Com efeito, síntese cósmica e cosmos verticalizado, o paradigma da árvore no tempo (sugerindo os atributos do ciclo vegetativo e dos ritmos lunares), vê-se ultrapassado por todo o simbolismo da renovação, da regenerescência, que as imagens teleológicas da flor, do fruto, do fogo vêm cimentar. Na sua amplitude genealógica, a *Árvore da Vida* corresponde àquilo que Gilbert Durand apelida de *imagens míticas da evolução revolucionária*⁹, ou seja, pela sua florescência, pela sua frutificação, pelo seu tronco, ramos e ramagens que rompem com o esquema cíclico da vegetação, a árvore traduz a crença indelével numa exigência ascensional, verticalizante, de carácter não apenas cíclico mas antes profundamente *messiânico*. É que a *Árvore da Vida* é a árvore do devir, já que o simbolismo da vida abarca não apenas as árvores de folhas persistentes (realizando a imortalidade) mas ainda as de folhas caducas (sugerindo a regeneração). Daí que tal símbolo de valências universais se assimile ao da Mãe, ao da fonte e da água inaugural: congregando todas a suas ambivalências, a árvore cria e dá vida, alimenta e protege, recria o espaço sagrado dos motivos da intimidade. Na sua obra *Métamorphoses et tendances de la libido*,

⁸ ELIADE, Mircea – *Le Sacré et le Profane*, Paris, Ed. Gallimard/Idées, 1965, p. 128.

⁹ DURAND, Gilbert – *As estruturas antropológicas do Imaginário*, Lisboa, Ed. Presença, 1989, p. 236.

Jung sublinha: *Selon de nombreux mythes, l'homme descend des arbres; le héros est enclous dans l'arbre maternel; par exemple, Osiris gît mort dans la colonne, Adonis dans le myrthe, Odhin crucifié sur Yggdrasil, la chêne sacré, etc. Maintes déesses furent vénérées sous la forme d'un arbre ou d'un bois, d'où le culte des arbres, des bosquets sacrées, et des bois*¹⁰.

De essência feminina (mas não é raro que no simbolismo da *árvore dupla*, à imagem da matriz se adicione a do falo, como parece suceder nos mitos de Cibele e de Attis), a árvore tem pois em comum com a Mulher o acto sagrado que, desde sempre, assegura a vida: ambas trazem dentro de si, em si, o fruto que continua a existência. Imbuída pois de uma função de gestação, a *Árvore da Vida* e todas as árvores em geral, simbolizam o instinto feminino da maternidade. Aliás, o entrelaçar dos ramos, a folhagem, a absorção / rejeição pelas raízes devem ser vistos como motivos maternos que têm vindo a acompanhar a humanidade desde o *illud tempus* primordial. Na fecundidade da Terra-Mãe (basta pensar nas hierogâmias cósmicas) – genitrix universal, cujo corpo de Mãe Gigante produz tudo quanto é ao mesmo tempo orgânico e anímico (não só homens e plantas mas também pedras e minerais) – a imagem primordial da *Árvore da Vida* insinua-se perante o *homo religiosus* como uma figura que permite antever, no além do visível, um imenso e amplo simbolismo da eterna juventude, da regeneração, da sabedoria e da imortalidade. Basta evocarmos os frutos miraculosos da *Árvore da Vida* do Paraíso, os da Jerusalém Celeste, as maçãs e ouro do Jardim das Hespérides. E a *Árvore de Buda* sob a qual este atinge a Iluminação, dita *Árvore Bó* ou *Boddhi*, *Ficus religiosa* que sintetiza em si o conhecimento total no momento em que este ocorre: *Pelos dez mil mundos, as árvores floridas brotaram; as árvores frutíferas inclinaram-se sob o peso dos seus frutos; lótus de tronco cresceram nos troncos das árvores, lótus de ramo nos ramos das árvores, lótus de parreira nas parreiras, lótus pendentes brotaram do céu e lótus de haste emergiram por entre as rochas e brotaram em grupo de sete...*¹¹

Frutos milagrosos exprimem em múltiplas crenças a ideia religiosa de uma realidade transcendente e absoluta, já que tais frutos são, ainda hoje,

¹⁰ JUNG, C. Gustav – *Métamorphoses et tendances de la libido*, Paris, 1927, p. 212-213, citado por CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain – *Dictionnaire des Symboles*. Paris, Seghers, 1973, 1^{er} vol., p. 111.

¹¹ in CAMPBELL, Joseph – *O herói de mil faces*, São Paulo, Ed. Cultrix / Pensamento, 1997, p. 179.

nos mitos, nas lendas e narrativas tradicionais, os sinónimos dos dons da onisciência, da sabedoria, do poder soberano e da imortalidade, conferindo aos homens os atributos dos deuses. Não é pois fortuito o facto de Buda, sob a *Árvore da Iluminação* e Cristo, na *Árvore da Cruz* (Árvore, também, da Redenção) serem figuras similares a incorporarem, concomitantemente, os motivos arquetípicos do Salvador do Mundo e da Árvore do Mundo, cuja origem provem da antiguidade imemorial. Aliás, tanto o *Ponto Imóvel* de Buda como o Monte do Calvário são imagens do Centro do Mundo ou Eixo do Mundo. Assim, também Odhin, divindade pagã germânica, a fim de obter a Sapiência e a Ciência, deve deixar-se crucificar no Yggdrasil, o freixo sagrado:

*Lembro-me que fiquei pregado a uma árvore assaltada pelo vento,
Ali fiquei por nove noites inteiras;
Com a lança foi ferido, e fui oferecido
A Odhin, eu mesmo a mim mesmo.
Na árvore de que ninguém jamais pode conhecer
As raízes que por baixo a sustêm¹²*

Na História das religiões, sobrepoem-se pois as *Árvores Cósicas*, as *Árvores da Vida*, as *Árvores da Imortalidade*, as da *Juventude Eterna* e da *Sabedoria*. No Egipto Antigo, na Ásia, na Índia, na Mesopotâmia, no Antigo Testamento, em suma, para o homem que vivia miticamente todos os seus actos e todas as suas emoções, a sacralidade de tais árvores miraculosas constitui sempre um modo muito fiel de encarar as valências religiosas da vegetação mas sobretudo dimensiona-se em termos de uma demanda, de uma *quête* de frutos de ouro e de folhagens milagrosas a que só após um longo percurso e um combate contra monstros e adversidades de toda a espécie, o homem pode aceder. Provas iniciáticas – por vezes bem cruéis – esperam o neófito, o futuro herói, que, ao vencê-las, alcançará a divindade. Num conto de infância intitulado *A Deusa da Riqueza e do Bem*, surgia uma pomba como recompensa pela generosidade de um pastor e da sua família. Certo dia, ao pousar numa árvore da floresta, arranca uma chave grande que estava pendurada num ramo e entrega-a ao filho do pastor que logo viu a árvore transformada numa gruta de ouro, com infinitos jorros de luz e, no meio, uma enorme fita branca que dizia

¹² *Ibid*, *ibidem*, p. 178.

assim: *Caminha, caminha, e entra na Floresta do Bem e da Virtude, e ali encontrarás a tua felicidade*¹³.

Também num conto popular francês da região dos Pirinéus intitulado *La Chèvre*, surge uma macieira que premeia a bondade, o altruísmo e a humildade de uma *Cendrillon* desprezada pelas irmãs e até pela própria mãe: *Un grand pommier avait poussé dans la nuit, couvert de pommes bien rouges. Les branches touchaient terre. Ces deux fillettes descendirent dans la cour et voulurent cueillir des fruits merveilleux. Les branches se relevèrent. La fillette aux deux jeux vint à son tour et cueillit tout ce qu'elle voulut. Elle offrit des fruits à ses soeurs. (...) Chose extraordinaire, lorsqu'elle détachait une pomme, dix nouvelles apparaissaient sur l'arbre*¹⁴.

É ainda na *epopeia babilónica de Gilgamesh* que o herói chega, no fim do percurso, a um jardim maravilhoso onde pendem das árvores pedras preciosas que são, com toda a evidência, símbolos das virtudes adquiridas por ele ao longo do caminho iniciático. E no *Apocalipse* bíblico vem referido que as folhas da árvore *servem para curar os povos*. Poderíamos multiplicar os exemplos: basta relembrar a *Bíblia* para reflectir sobre a íntima conexão existente entre a árvore e o homem no imenso emaranhado da realidade terrestre e cósmica, desde a *Árvore do pecado original* até ao *madeiro da Cruz de Cristo*, passando, como vimos, pela *árvore apocalíptica da vida*.

No Paraíso, a narrativa bíblica distingue duas árvores: a da *Vida* e a do *Conhecimento*. Diferentes uma da outra, a do conhecimento do bem e o mal tem ainda a particularidade de poder provocar a morte. Será ela que, após a tentação e queda de Adão e Eva, e segundo uma antiga tradição, Deus condenará. Tendo ficado seca, a árvore da ciência só verdejará quando Deus implantar no seu tronco um ramo verde da *Árvore da Vida*. Se o par ancestral tivesse sabido valorizar adequadamente o dom divino, só teria havido uma única árvore no paraíso: a árvore da unidade essencial da Vida e do Conhecimento.

Mas numerosas são ainda as comparações a que se presta a árvore na *Bíblia*: o justo é como uma árvore plantada junto às águas que dá frutos a seu tempo (Sal 1); no *Cântico dos Cânticos* (2, 3), o Esposo divino com-

¹³ FIGUEIRINHAS, Maria Pinto – *A Águia encantada e outros contos*, Porto, Liv. Figueirinhas, 1960, p. 30.

¹⁴ SIMONSEN, Michèle – *Le Conte populaire*. Paris, Puf, Littératures Modernes, 1984, p. 169.

para-se a si próprio com uma macieira; no *Novo Testamento*, as árvores com frutos simbolizam os homens bons, as estéreis representam os maus.

Como temos vindo a salientar, a universalidade arquetípica da Árvore manifesta-se em inúmeros *mitos e tradições religiosas*, nos *contos tradicionais* e nas *lendas*, mas também na vertente onírica e na criação artística. Esta última, por exemplo, foi posta em relevo no livro de Gabrielle Dufour intitulado precisamente *L'Arbre de Vie et la Croix* em que a autora ilustra, em belas imagens, a sobreposição dos dois símbolos através da dialéctica de um *antes* e um *depois*, do *antigo* e do *novo*, do *tempo* e da *eternidade*.

Com efeito, a *Árvore da Cruz*, metáfora ascensional, cósmica e paradisíaca, anuncia e inaugura, pela morte de Cristo e pela conseqüente ressurreição, uma segunda Criação: *La croix, axe du monde, planté au paradis comme au centre du monde, revêt ces lieux communs symboliques d'un sens nouveau par un processus d'intériorisation qui est propre à l'arbre de vie chrétien (...) la croix (...) est le nouvel arbre de vie du paradis (...) et les fleuves au pied de la croix [signifient qu'elle] est l'arbre du paradis céleste, gardé par les anges et planté dans le cercle du firmament*¹⁵. Ou seja, na tradição judaico-cristã, a cruz não reproduz apenas a árvore paradisíaca: antes a substituiu, anunciando-a como a nova Árvore da Vida, a verdadeira, plantada no novo Éden, entre as duas árvores do antigo paraíso. E se a *árvore de Jessé* simboliza o crescimento da árvore da vida num tempo histórico – daí as suas raízes carnis (reis) e a sua seiva espiritual (profetas) –, a *Árvore da Cruz* simboliza, *en plus*, toda a expansão ontológica, todo o desabrochar do homem na eternidade, implicando ambas, nas palavras de Gilbert Durand, *as tendências progressistas e messiânicas da humanidade*.

Eixo do Mundo, Árvore Cósmica, Árvore da Vida, eis algumas das interpretações principais que Mircea Eliade vê unirem-se em torno da ideia de um Cosmos vivo em perpétua regeneração. Quer de uma maneira ritual e concreta, quer de um modo mítico e cosmológico ou ainda puramente simbólico, a *Árvore* representa, para a ontologia arcaica, a vida inesgotável que traduz também a realidade absoluta. Não admira pois que no arqué-

¹⁵ DUFOUR-KOWALSKA, Gabrielle – *L'Arbre de Vie et la Croix*, Genève, Ed. du Tri-corne, 1985, p. 58.

tipo da *Árvore Invertida* inúmeras tradições tenham venerado essa energia divina que alimenta, protege e perpetua o mundo.

Ao elevar-se da Terra para se expandir no elemento aéreo e celeste, a *Árvore* – antes de ser árvore hierofânica, metamorfose dos deuses ou metáfora da humanidade –, tornou-se a encarnação mais completa da Natureza que vence o seu próprio peso natural, que se liberta para a conquista dos céus e que assim traça, em degraus, o seu próprio caminho até ao firmamento. O mito universal da *Árvore-escada dos céus* prefigura-se pois nesse *élan* que contém em si o pressentimento de uma outra realidade: é que na imagem da árvore em pé – árvore e montanha, coluna e torre – no mais puro anseio dos cumes, o espírito do imaginário encontra a sua aspiração para um outro mundo, os primeiros desejos de ascensão e verticalidade, de transcendência, afinal. Aliás, uma das *imago mundi* mais ancestrais, um dos símbolos mais evidentes da totalização cósmica, é constituído por uma árvore (ou marco de madeira) à qual se associam bétilos ou pedras. Os lugares sagrados mais arcaicos são assim caracterizados (os templos primitivos semíticos e gregos, por ex.). É que da aliança íntima entre o devir em movimento protagonizado pela árvore e a ideia de estabilidade difundida pela pedra, vai surgir um vector ascensional a estruturar sempre os elementos naturais que implicam toda a verticalidade da cosmogonia. Afinal, árvores e pedras humanizam-se pelo seu movimento ascendente, tornam-se símbolos do próprio homem reconhecido enquanto microcosmos vertical (no corpo e no espírito).

Num capítulo do seu livro *L'air et les songes*, consagrado precisamente à *L'arbre aérien*, Gaston Bachelard insiste sobretudo sobre a aliança entre a imaginação natural e a imaginação dinâmica, salientando, fundamentalmente, as imagens vegetais de essência aérea, imagens pois verticais e verticalizantes. E é ao evocar um excerto do *Journal* de Maurice de Guérin onde se encontra – de forma imensa e poética – esse convite ao movimento ascendente, esse desafio à horizontalidade que a própria árvore representa: *Si j'emportais ces hauteurs! Quand serai-je dans le calme?* que o filósofo acrescenta: *Ce végétalisme des sommets montre bien que (...) l'imagination est une vie dans la hauteur. L'arbre aide le poète «à emporter la hauteur», à dépasser les cimes, à vivre d'une vie aisée, aérienne*¹⁶. E mais adiante,

¹⁶ BACHELARD, Gaston – *L'air et les songes. Essai sur l'imagination du mouvement*, Paris, Ed. José Corti, 1990, p. 238.

a propósito de Swanevit de Strindberg, Bachelard intuiu ainda: *Vivre dans le grand arbre, sous l'énorme feuillée, c'est, pour l'imagination, toujours être un oiseau. L'arbre est une réserve d'envolée (...) L'arbre est un nid immense balancé par les vents. On n'en a pas la nostalgie comme d'une vie chaude et quiète, on a le souvenir de sa hauteur et de sa solitude. Le nid des cimes est un rêve de puissance: il nous rend à l'orgueil du jeune âge, quand nous nous croyons faits pour vivre au-dessus «des sept royaumes»*¹⁷.

É afinal, o que faz a irmã de seis jovens vítimas de uma maldição no conto dos Irmãos Grimm, *Os seis cisnes*, em que, para quebrar o sortilégio, sobe para o cimo de uma árvore onde deve permanecer muda até fazer seis camisas que, ao serem vestidas pelos irmãos, lhes permitirão retomar a forma humana¹⁸. Também numa lenda intitulada *A Moura de Silves*, Almendo, Cavaleiro da Ordem do Templo, se enamora de uma donzela que lhe surge no cimo de uma árvore: ao simbolismo feminino do arquétipo junta-se aqui o anseio de verticalidade espiritual e talvez o desafio contido na inacessibilidade do Eterno Feminino: *De repente, deu com um loureiro espesso, muito fechado de ramagem, as folhas a brilharem como lanças de aço à última luz do dia. Já o tamanho da árvore e a sua mancha escura, que avultava na penumbra, lhe chamavam a atenção, quando diviso entre a ramaria um rosto de donzela a sorrir-se para ele*¹⁹.

A figura da *Árvore* que se ergue para o etéreo é assim, desde a eternidade, o instrumento privilegiado das *portas das alturas*, já que na sua verticalidade, no seu dinamismo ascendente – firme, inabalável, *sécurisant* – ela significa o poder da transcendência, a dinâmica verticalizante que é própria de toda a simbólica e que se consubstancia no desejo de ultrapassar os limites, de possuir o infinito, de expandir o espírito. Toda a ânsia de ascensão implica uma vitória sobre a morte, sobre o efémero e o transitório. A *Árvore da Cruz*, como já se viu, protagoniza, na mística cristã, a significação última desse movimento ascensional. Será ele também simbolizado, de forma paradoxal, pela *Árvore Invertida*?

Esta literal inversão do esquema ascendente também pertence à mitologia universal da árvore que o exprime através de uma das suas criações

¹⁷ *Ibid.*, *ibidem*, p. 243.

¹⁸ In *Outros Contos de Grimm*, Lisboa, Casa do Livro-editora, 1964, p. 180.

¹⁹ In *Lendas de Portugal. Contos de Mouras Encantadas* por Luís Chaves, Lisboa, Liv. Universal, 1924, p. 8.

mais estranhas: a *arbor inversa*. Presente nos cabalistas medievais, no hinduísmo e nos mitos islandeses, no próprio Islão, no folclore finlandês, em certas tribos africanas e australianas, tal árvore é símbolo da descida do Absoluto e das suas energias criadoras no Cosmos. Inúmeras pois as tradições que veneram uma árvore cujas raízes mergulham no céu e cujos ramos se espriam, cobrindo todo o universo. Tal é o ideograma que parece traduzir, da forma mais poderosa, a dinâmica vertical do imaginário.

Ao querer significar a razão primeira e última do Mundo, o facto de receber a energia divina que o criou, que o alimenta e regenera perpetuamente, a *Árvore Invertida* (árvore contra-natura, dir-se-ia), testemunha o ultrapassar da ordem natural que é própria de toda a árvore sagrada e a transcendência da própria ordem cósmica.

É que nesta aparente inversão da lei natural do crescimento se antevêm leis supra-cósmicas donde imanam as forças que povoam o mundo: a Natureza é manifestação de um Absoluto, de um Princípio Criador, sentido último do mito: *Pour l'homme religieux, la Nature n'est jamais exclusivement «naturelle». L'expérience d'une Nature radicalement désacralisée est une découverte récente; encore n'est-elle accessible qu'à une minorité des sociétés modernes, et en premier lieu aux hommes de science. Pour le reste, la Nature présente encore un «charme», un «mystère», une «majesté» où l'on peut déchiffrer les traces des anciennes valeurs religieuses (...) dans lequel on distingue encore le souvenir d'une expérience religieuse dégradée*²⁰. E logo no início do mesmo livro, Mircea Eliade sublinhava: *La pierre sacrée, l'arbre sacré ne sont pas adorés en tant que tels; ils ne le sont justement que parce qu'ils sont «hiérophanies», parce qu'ils montrent quelque chose qui n'est plus pierre ni arbre, mais le sacré, le ganz andere*²¹.

À semelhança do esoterismo hebraico, também os já referidos *Upanishades* evocam a *Árvore da Eternidade*, árvore invertida, em cujas raízes, mergulhadas no Etéreo, penetra a força vital divina que alimenta as folhas e os frutos que dão vida aos mortais²². O próprio Islão fala de uma

²⁰ ELIADE, Mircea – *Le Sacré et le Profane*, Paris, Ed. Gallimard/Idées, p. 131.

²¹ *Ibid.*, p. 17.

²² Cf. *Os Upanishades*, Lisboa, Publ. Europa-América, s/d, p. 33, onde se pode ler: *A Árvore da Eternidade tem as raízes no alto do céu e os seus ramos descem até à terra. É Brahman, o Espírito puro, que, na verdade, é chamado Imortal. Todos os mundos se apoiam nesse Espírito e para além dele ninguém pode ir.*

Árvore da Felicidade, cujas raízes apontam para o alto e que tem folhas e frutos que nunca caem e amarelecem. Aliás, toda a vida vem do céu e inunda a terra: no *Bhagavad-Gîtâ*, o simbolismo hindú salienta que se as raízes de *Açvatta* são o princípio da manifestação, os ramos figuram a expansão dessa mesma manifestação. Afinal, o que as tradições procuram transmitir nesta *Árvore Invertida* é algo mais que um arquétipo da vida da matéria. É sobretudo o símbolo universal da vida do Espírito, a manifestação do Deus no homem e, conseqüentemente, a ante-câmara necessária a toda uma teologia da salvação (cf. a *Árvore mística* nas doutrinas judaico-cristãs). A *Árvore Invertida* é então a árvore epifânica, a voz da manifestação do Eterno. Pelo menos, uma das suas formas privilegiadas e um símbolo íntimo da *reciprocidade cíclica* que transforma a Criação numa descida e faz da Redenção uma subida.

*Escoute, Bucheron, arreste un peu le bras;
Ce ne sont pas des bois que tu jettes à bas;
Ne vois-tu pas le sang lequel dégoûte à force
Des Nymphes qui vivoient la dure escorce?
Sacrilège meurtrier, si on pend un voleur
Pour piller un butin de bien peu de valeur
Combien de feux, de fers, de morts et de détresses
Mérites-tu, meschant, pour tuer nos Déesses?*²³

Assim se refere Pierre Ronsard, em pleno século XVI francês, à destruição de uma floresta onde outrora deambulava e onde julgava ter encontrado, na comunhão com a Natureza, toda a sua intuição poética. A esta invectiva contra a destruição do orgânico vem acrescentar-se, na mesma elegia, a *Árvore* enquanto paradigma único de serenidade, de sabedoria, de conhecimento. Lição de vida, a *Árvore*, ao concentrar, como vimos, todo o evento cósmico, ao ser forma e modalidade biológicas mas sobretudo valorização ontológica, arquétipo da ascensão e da verticalidade e figuração simbólica do carácter cíclico da evolução cósmica, ao congregar em si os quatro elementos (na *terra* mergulham as raízes, na sua seiva circula a

²³ Trata-se de versos de uma indignação vibrante escritos por Pierre Ronsard no século XVI, numa elegia intitulada *Bûcherons de la forest de Gatiné*, bosque onde o autor outrora descobrira a sua vocação poética. In RONSARD, Pierre – *Oeuvres Complètes*, Ed. G. Cohen, 2 vol., Paris, Pléiade, 1927, p. 325.

água, o tronco, os ramos e a copa surgem expostos ao *ar* e, com a sua madeira gera e alimenta o *fogo*), tornou-se, ao longo dos séculos, um modelo exemplar de uma Natureza onde se manifesta, a cada passo, o poder da Vida em toda a sua plenitude.

Os povos primitivos souberam obter, nos seus frutos, a força vital necessária. Nas suas folhas e flores procuraram a cura dos males que os afligiam, os ramos e troncos serviam quase sempre para a casa, para a tenda e para o fogo. Na florescência e colheita dos frutos anteviram a existência de um poder superior que se converteu na esperança de superar a morte. E foram sobretudo as árvores sempre verdes – a oliveira, o cedro, o cipreste e a palmeira – que se tornaram símbolos da vida eterna e do infinito. Dom dos deuses, porta-voz da revelação divina, a *Árvore*, porque sagrada, ganha voz, geme e canta, e os seus ramos suspiram e murmuram: neles os Gregos acreditavam ouvir a voz de Zeus, e os bosques eram oráculos onde só os iniciados penetravam.

Morada dos deuses – no sicômoro egípcio sentavam-se eles, à sombra de um carvalho passeava Ea, o deus babilónico e, segundo Ezequiel, no jardim de Deus há ciprestes, cedros e plátanos – a *Árvore* sagrada é assim lugar predilecto de teofanias: na Grécia, por exemplo, o loureiro, venerado pelo seu poder curativo e reconciliador, era um símbolo de Apolo. Também no *Génesis*, Deus surgirá a Abraão entre os carvalhos de Mambré, (18,1). No *Êxodo*, protectora e nutriente, a árvore torna doce a água amarga onde é lançada: transforma-se assim num símbolo evidente de um poder fecundante e metamorfoseador. Segundo a lenda, a árvore com as maçãs de ouro do Jardim das Hespérides, arquétipo da imortalidade e de uma nova vida, teria sido oferecida pela Terra Mãe a Zeus e Hera aquando do seu casamento. E em muitas representações iconográficas dos antigos egípcios, árvores estilizadas dão o peito ao faraó ou então deusas em forma de árvore dão à alma do defunto metamorfoseada em pássaro, água e frutos. E a mitologia dos índios da América do Norte refere árvores que são portadoras de luzes ou seja, que irradiam raios de natureza luminosa que têm o poder de curar os homens.

A importância da imaginação simbólica como função qualificante do ser, a possibilidade da redescoberta da estrutura universal dos mitos, ritos e símbolos, prefigura-se pois neste *arquétipo vegetal* cuja solidariedade com a Humanidade se antevê perdida nas origens míticas do homem. Mir-

cea Eliade salienta que, paralelamente às concepções fundamentais (já foram evocadas a *Árvore Cósmica*, a *Árvore da Vida*, a *Árvore Invertida*, a *Árvore da Cruz*, por exemplo), a extrema riqueza e a multivalência deste símbolo universal que dificilmente se esgota – por isso tal ideograma se encontra expandido nas árvores sagradas, nos ritos e símbolos vegetais de todas as religiões, nas tradições populares do mundo inteiro, nas metafísicas e míticas arcaicas, na iconografia e artes populares – nos leva ainda a evocar certas valorizações (em diferentes contextos, sejam eles mítico, cosmológico, iconográfico, folclórico, ritual) tais como a descendência mítica do homem, de uma tribo, de um povo, de uma raça, a partir de uma espécie vegetal. Na China, por exemplo, o bambú é venerado como antepassado do homem e algumas tribos australianas acreditam que a humanidade nasceu de uma mimosa²⁴. No folclore tradicional, muitas são as lendas e contos que falam da fecundação maravilhosa por um fruto ou semente ou então na metamorfose em flor e/ou árvore de um ser desaparecido.

Mas há infinitas variações deste motivo de metamorfose de um ser humano em vegetal (e vice-versa). Basta-nos pensar nas *Metamorfofes* de Ovídio. Mas, mais perto de nós, num conto de Hans C. Andersen intitulado *A Polegarzinha*, uma mulher, após ter semeado um grão de cevada num vaso de flores, e desejando ardentemente ter uma filha, esta nasce de uma bela tulipa que entretanto desabrocha; *Polegarzinha tinha por berço uma esplêndida casca de noz lacada; o colchão era feito de pétalas azuis de amor-perfeito; uma pétala de rosa servia de cobertor*²⁵. Num outro, não menos bonito, *O Guardador de Porcos*, um príncipe oferece à noiva pretendida uma rosa emblemática: *Este príncipe prezava muito a sepultura do seu pai, sobre a qual crescia uma roseira, uma planta muito bonita e singular que apenas floria de cinco em cinco anos. E, mesmo nessa altura, dava apenas uma flor. Era uma rosa que cheirava tão suavemente que fazia esquecer, com a sua extraordinária fragância, todos os sofrimentos e preocupações deste mundo*²⁶. Por vezes, nalgumas tradições – entre os Celtas, por ex. – duas árvores gémeas cujos ramos se entrelaçavam, sugeriam, no imaginário popular, a história de dois amantes fiéis que nem a

²⁴ Cf. o capítulo já referido do *Tratado de História das Religiões*, sobre *A Vegetação. Símbolos e ritos de Renovação*, Porto, Ed. Asa-Literatura, 1992, p. 335-411.

²⁵ In *Os mais belos contos de Andersen*, Lisboa, Liv. Civilização Editora, 1992, p. 4.

²⁶ *Ibidem*, p. 63.

morte tinha podido separar. Lendas bretãs evocam, nas árvores que falam, a memória de pais mortos que, durante uma noite de Inverno, deixam a sua forma de choupos e vêm aquecer-se à lareira. Vezes sem conta o tema da metamorfose se liga ao do castigo, a uma punição infligida pelos deuses pela arrogância e orgulho dos mortais. Na Idade Média, as *fadas* puniam, transformando-os em árvores ou pedras, os humanos que as desrespeitavam ou que lhes tinham sido infiéis.

É desta solidariedade entendida como um circuito contínuo entre dois mundos – o humano e o vegetal – que vive um dendromorfismo (a metamorfose de um ser em planta) que mais não faz que relembrar a suprema reintegração de todos os reinos na matriz universal. Como sugere Jacques Brosse: *L'arbre est, pour l'homme, le médiateur par excellence. (...) Le secret de l'arbre, c'est le nôtre, ça peut devenir le nôtre; ce secret, c'est le secret même de la vie, de toute vie*²⁷.

Mas desde há muito tempo que se vive à margem da antiga tradição sapiencial. Daí tem resultado a perda de crenças e do respeito pela Criação, pela Natureza. Apenas muito recentemente (e porventura, tarde de mais) e quando nos damos conta das águas infestadas e das florestas moribundas, é que recordamos com gratidão e dor as plantas, os animais e os minerais que, com o Homem, fazem parte de quanto foi criado e que a nossa irresponsabilidade e cegueira tem destruído de forma irremediável. A paleobiologia ensina-nos que os primeiros seres vivos foram plantas, porventura algas que teriam dotado o planeta da camada de oxigénio necessária a qualquer outra forma de vida. Admiração, gratidão, veneração, nos deveria merecer ainda hoje e sempre esse microcosmos, testemunha de um amplo processo vital. Mas onde estão as *ninfas*, as *fadas*, os *anões* e os *duendes* que, segundo concepções arcaicas ou tradicionais, habitavam e eram a alma da árvore e da floresta?²⁸

Seja como for, a mentalidade tradicional dotava as árvores – aliás, como todos os seres vivos – de uma *alma* e quando alguns vegetais a possuíam, de forma superlativa, então tornavam-se sagrados. Daí que se trans-

²⁷ BROSSE, Jacques – *L'Arbre et l'Éveil*, Paris, Albin Michel, 1997, p. 63.

²⁸ Importantes pesquisas da fisiologia vegetal têm vindo a demonstrar a existência nas plantas de uma sensibilidade, até mesmo acompanhada por um certo poder de memorização, o que sugere uma forma muito rudimentar de psiquismo. Não são – afinal – as células animais mais que células vegetais transformadas?

formassem em objecto de culto e veneração, o que muitas vezes sucedia na sequência de um sonho, de uma aparição, de uma manifestação oracular ou até mesmo após uma cura milagrosa. Por vezes ainda, era uma singularidade morfológica (o seu gigantismo, por ex.) que lhes conferia a amplitude sagrada. E ainda no nosso século, a provar a perenidade do símbolo e da sua sacralidade, tal intuição (certeza metafísica) se mantém. Por exemplo, em *Cinco Reis de Gente* de Aquilino Ribeiro, ao resumir no *Codessal, fazenda agachada na fralda da serra*, uma antevisão de um paraíso que qualquer um de nós guarda no recôndito da sua esperança, o eu poético descreve *castanheiros tão antigos e soberbos que nem os mais idosos da terra se lembravam de os ter visto diferentes*²⁹. E continua: *Esses castanheiros, mesmo no Inverno, despidos de folhas e com os longos ramos hirtos e desorbitados, descerravam uma magnífica e impávida beleza. Não sei bem a que título os associei eu às belas sombras que pairavam tutelares sobre o meu berço. Talvez pelo seu gigantismo. O amor e a admiração nas crianças compraz-se dos extremos. Debaixo da sua roda, com efeito, eu sentia-me como que protegido por boas e invisíveis fadas*³⁰.

Boas e invisíveis fadas: as mesmas que os primeiros evangelizadores cristãos, ao tentar converter as populações pagãs, se esforçavam por eliminar, adicionando-lhe a proibição do culto das árvores e a destruição dos bosques sagrados que, outrora, se estendiam por toda a Gália e por toda a Germânia. É que todo o bosque sagrado de carvalhos era local de reunião das tribos celtas e gálatas: sob as árvores, os reis exerciam a justiça e no meio dos bosques, numa clareira, levantava-se o templo druídico que era sítio de reunião e de ensino das mais antigas crenças sapienciais. Segundo César, na Bretanha, na floresta de *Sylvia Carnuta* juntavam-se anualmente os druidas vindos de todas as regiões. Não raro as lendas bretãs falam da *forêt de Brocéliande* onde Merlin, *homme des bois* tinha por hábito ensinar à sombra de uma macieira. Aliás, será no cume de uma árvore verde, a *Maison de Verre*, que adquirirá o conhecimento supremo ou seja, a totalidade dos poderes³¹. À semelhança do que as tradições refe-

²⁹ RIBEIRO, Aquilino – *Cinco Reis de Gente*, Lisboa, Liv. Bertrand, 1959, p. 82.

³⁰ *Ibidem*, p. 83.

³¹ Os poderes que as tradições irlandesa e gaulesa atribuem aos druidas são os seguintes: os dons da clarividência, da metamorfose, da invisibilidade; o dom de poder agir sobre os elementos, o dom da compreensão da linguagem dos animais e das plantas, o poder de submeter os reinos animal, vegetal e mineral às suas ordens, o dom da medicina e, por

rem na Índia, onde florestas sagradas testemunharam o nascimento, a iluminação e a morte de Buda.

Bosques sagrados foram, sem sombra de dúvida, os mais antigos santuários, bem anteriores à construção de templos que posteriormente se elevaram no meio deles. Na Grécia homérica era em pleno ar livre, em torno de um altar, entre árvores sagradas que se reuniam os fiéis. Num belo conto de Sophia de Mello Breyner intitulado precisamente *A Floresta*, os simbolismos da intimidade e o esquema imaginário da guliverização entrelaçam-se no sonho de Isabel que vê as raízes de onde, porventura, saíram anões que outrora teriam ensinado aos monges a linguagem dos pássaros, a ciência das plantas medicinais e a construção de moradas subterrâneas. *Vi tudo muito bem com os meus próprios olhos, pois estava junto da fonte escondido dentro do tronco dum velho castanheiro*³², eis como o anão anuncia o relato de um tempo de outrora e de um tesouro escondido.

É que, embora o cristianismo tenha conseguido (em terras gaulesas, desde os séc. IV e V) extirpar dos campos o culto das árvores sagradas, nunca pôde anular as crenças que esse mesmo culto tinha gerado. O próprio folclore guardou delas sobrevivências e não apenas nos diversos rituais de metamorfose. Há uma lenda francesa da região de Valois em que se opera, num certo dia da semana, a transformação de um lenhador (afinal, o príncipe da floresta), num carvalho verde. Também um conto de uma escritora do século XVII, a Contesse d'Aureuil, evoca uma fada que transforma em árvore todos os seus amantes: assim permanecerão até ao dia em que ela própria se enamorar de um mortal.

Inúmeras são também as narrativas tradicionais que evocam bordões que, uma vez plantados na terra, dão subitamente ramos e até flores e fru-

vezes mesmo, o de ressuscitar os mortos; o dom de fazerem brotar fontes e o de fazerem surgir pessoas e coisas; e, finalmente, o dom da ubiquidade e o de poderem deslocar-se, voando pelos ares. São também os atribuídos aos xamãs siberianos e aos *mestres* em geral.

³² BREYNER, Sophia de Mello – *A Floresta*, Porto, Liv. Figueirinhas, 1974, p. 37. Como esquecer o lugar que a *Natureza* e a *Árvore* em particular ocupam na poética desta autora? Desde o conto *A Árvore* ao referido *A Floresta*, não esquecendo *O Cavaleiro da Dinamarca* e *A Fada Oriana*, os livros de Sophia fascinam por serem ao mesmo tempo incomparáveis exercícios de *frescura metafísica* como diria Bachelard, e gestos mágicos de um demiurgo que intuiu as forças cósmicas em toda a sua pujança material e espiritual. *O Rapaz de Bronze* e *A Noite de Natal* reiteram ainda as metamorfoses de um arquétipo que o imaginário colectivo sentiu, desde sempre, como veículo de forças sagradas, *axis mundi* em que se revela a memória de todas as raças.

tos. Uma lenda irlandesa intitulada *The Sacred Tree* narra a história de *St. Colman's sacred tree*, um pequeno bordão que o santo plantou, que ganhou raízes e que nunca poderia ser destruído. Mas, ao ignorar conscientemente a crença, um aldeão decidiu levar pela terceira vez para casa alguns ramos, e encontrou o seu lar destruído por um incêndio. E a lenda inicia-se assim: *There are many «immortal trees» in Ireland. Some of them are very old indeed and some are self-renewing – or grow as the old tree dies. Sacred trees have been mentioned for centuries, and are generally attributed to the miracle of a saint*³³.

Há ainda árvores e bosques assombrados por espíritos dos mortos: há as que sangram, as que são garantes de juramento e castigam os perjuros (numa lenda angevina, a árvore sob a qual o castelão jurou fidelidade a uma jovem que seduzira, abate-se sobre ele logo que trai a promessa feita). Mas também há as árvores que protegem, socorrem, ajudam: num conto alsaciano, uma pereira e uma macieira, testemunhas da infelicidade de uma jovem, consolam-na, deixando cair no seu regaço os melhores frutos. Também numa história dos Irmãos Grimm, *Branca de Neve e Rosa Vermelha*, duas irmãs crescem em beleza, em tudo semelhantes a duas roseiras. A floresta acolhia-as sempre e os animais amavam-nas: *Muitas vezes vagueavam ambas pelo bosque e nenhum animal as molestava; pelo contrário, chegavam-se a elas da maneira mais confiada (...) Nenhum mal lhes sucedia. Quando (...) a noite as surpreendia, deitavam-se sobre o musgo e dormiam até amanhecer. A mãe sabia que estavam em segurança*³⁴. Numa versão do século XVII de *A Bela e o Monstro* de Mme de Villeneuve, o pai da Bela, mercador, regressa a casa durante uma terrível tempestade de neve. A noite cai e tem de pernoitar numa floresta: *O único abrigo que pôde encontrar foi o tronco de uma árvore enorme, onde passou, encolhido, toda a noite. E assim sobreviveu à neve espessa, ao frio gélido e aos lobos que uivavam*³⁵.

Há ainda, nas tradições, árvores que cantam, árvores e florestas que se deslocam, bretões que se transformam em árvores a fim de combaterem os invasores...

Mas na escola aprende-se que tudo não passa de um amontoado de superstições de outra era. As florestas foram desencantadas, violadas, ultra-

³³ In *Ireland, Myths & Legends* by Beryl Beare, Parragon Books Limited, 1996, p. 67.

³⁴ In *Os Mais belos contos de Fadas* (1º vol.), Lisboa, Selecções do Reader's Digest, 1994, p. 26.

³⁵ *Ibidem*, p. 293.

jadas, destruídas. E, com elas, os *elfos*, os *anões*, as *ondinas*, os *duendes*, as *fadas*, os *dragões*, as *serpentes*, os *ogros*... e todos os espíritos da vegetação! Com o sentido do sagrado, perdeu-se o respeito e o encantamento face a uma Natureza considerada como um presente divino. A um sistema cósmico complexo, fundado na diversidade e na complementaridade mútua entre todos os reinos existentes no Universo, sucedeu-se um monoteísmo dogmático e intolerante: tal como o corpo do homem, também a Natureza se viu condenada e desvalorizada. Relegada e renegada: daí a ruptura de um equilíbrio vital fundado na comunicação e comunhão entre todos os seres vivos.

Quase desapareceu a dendrolatria, recusada por um antropocentrismo absoluto que rejeita qualquer alma para além da do homem. Face a tal atitude dogmática e farisaica, a Humanidade parece condenada. E o ódio actual ao orgânico mais não é do que a manifestação mais evidente dessa quase irreversível condenação.

A nossa civilização esqueceu que em cada árvore, em cada bosque, em cada floresta, em cada reino – seja ele animal, vegetal ou mineral – há o dom do sobrenatural, a necessidade imemorial da luz do mistério. Ainda fresca dos orvalhos do além, cada árvore é entrada para a luz, verdade para os olhos sedentos de Conhecimento, abandono para os que erram à procura de fontes milagrosas.

A Natureza é uma dádiva contínua, sem tréguas. Por todo o lado se antevê, em cada dobra dos caminhos, o sopro criador que transforma em ensinamento de ouro cada semente pequenina. Onde *a graça da intuição sabe tanto como a suprema sabedoria*. Como diz Afonso Lopes Vieira na sua linda *Lição na Floresta*:

*Meu livrinho na mão, e a alma ansiosa,
à verde escola, eu venho p'ra aprender
nesta vasta cartilha rumorosa
o esplêndido a b c do teu saber!*

*Sê o meu grande mestre, a carinhosa
mãe que me ensine, como deve ser,
esta lição de coisa amorosa
que na minha alma fique a florescer.*

(...) ³⁶

³⁶ In VIEIRA, Afonso Lopes – *Canções do Vento e do Sol*, Lisboa, Ed. Ulmeira, 1983, p. 33.

A ÁRVORE: UM ARQUÉTIPO DA VERTICALIDADE

O que para o homem das sociedades modernas é apenas fisiológico, orgânico, é susceptível de se tornar, para o *homo religiosus*, espiritual e mítico. Um abismo parece separar estas duas modalidades de experiências, a primeira, profana, a segunda, sagrada. Dessacralizando o mundo, o homem actual tem cada vez mais dificuldades em compreender e sentir a dimensão existencial da sociedade arcaica.

Esqueceram-se *mitos* e *símbolos*; tem-se vindo a perder a percepção hierofânica do Universo. E quando relemos um conto de fadas, uma lenda, uma narrativa tradicional ou mesmo quando sonhamos, falta-nos essa intuição do poder epifânico da Natureza, da sua sacralidade cósmica. Mas os povos arcaicos tinham a sua *Árvore Cósmica*, acreditavam na *Árvore da Vida*, pressentiam como era possível justificar o aparente paradoxo de uma *Árvore Invertida*, sabiam sempre algo sobre as *Árvores da Imortalidade, do Conhecimento, da Felicidade*. Refugiavam-se nas florestas – discretas, silenciosas, tranquilas, verdes – e dialogavam com os espíritos que incarnavam em cada vegetal. Respeitavam e amavam a vegetação: honravam-na com rituais, aprendiam com ela a vencer a morte, a acreditar na renovação. Na Vida.

De tudo isto ainda hoje nos falam os historiadores das religiões, os etnólogos, os folcloristas, raros filósofos. E os *contos tradicionais*, as *lendas*, os *mitos*. Que nunca morram, como as árvores. Nem mesmo de pé.

Maria do Rosário Pontes